



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE TURISMO
CURSO DE TURISMO

MARIA RAFAELLA MARQUES DE PAIVA

**ECARAYNHA: A INVENÇÃO TURÍSTICA DO SÍTIO GAMBOA DO JAGUARIBE –
NATAL/RN**

NATAL/RN

2018

MARIA RAFAELLA MARQUES DE PAIVA

**ECARAYNHA: A INVENÇÃO TURÍSTICA DO SÍTIO GAMBOA DO JAGUARIBE –
NATAL/RN**

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade Artigo Científico apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Orientadora: Andrea Virgínia Sousa Dantas, Dr.^a.

NATAL/RN

2018

Maria Rafaella Marques de Paiva

**ECARAYNHA: A INVENÇÃO TURÍSTICA DO SÍTIO GAMBOA DO JAGUARIBE –
NATAL/RN**

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Natal/RN, 22 de novembro de 2018.

Andrea Virgínia Sousa Dantas, Dr^a. – UFRN

Presidente da Banca Examinadora

Mauro Lemuel de Oliveira Alexandre, D.Sc. – UFRN

Membro da Banca Examinadora

Michel Jairo Vieira da Silva, Dr. – UFRN

Membro da Banca Examinadora

ECARAYNHA: A INVENÇÃO TURÍSTICA DO SÍTIO GAMBOA DO JAGUARIBE – NATAL/RN

Maria Rafaella Marques de Paiva¹; Andrea Virgínia Sousa Dantas².

RESUMO: O presente trabalho objetiva analisar o surgimento do Sítio Histórico-Ecológico Gamboa do Jaguaribe, enquanto um atrativo turístico da cidade do Natal. Para isso, fez-se uso de uma metodologia de natureza aplicada e caráter exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa. A coleta dos dados se deu por meio das pesquisas bibliográfica, documental e de campo (observação participante e entrevistas em profundidade). Os resultados do estudo foram analisados sob uma perspectiva etnográfica. O processo de iniciação ao turismo do Gamboa do Jaguaribe não seguiu o que propõe a teoria da invenção turística, de uma personalidade famosa chamar atenção para o lugar. O surgimento turístico do Gamboa emergiu da comunidade local como forma de legitimidade social. A infraestrutura existente aliada a atividades desenvolvidas no sítio constituem um potencial atrativo considerável, tendo em vista a tendência do turismo se apropriar cada vez mais de áreas naturais que propiciam a fuga do cotidiano urbano.

Palavras chave: Invenção Turística. Reserva Indígena. Gamboa do Jaguaribe.

ABSTRACT: The study objective was analyzing the emergence of the Historic-Ecological Site *Gamboa do Jaguaribe* as a tourist attraction of the Natal city. For this, was used a methodology of applied nature and exploratory and descriptive character, with qualitative approach. Data were collected one through bibliographical, documentary and field research (participant observation and in - depth interviews). The study results were analyzed from an ethnographic perspective. Gamboa's tourism initiation process did not follow what proposes the theory of the tourist invention, of a famous personality to call attention to the place. The Gamboa do Jaguaribe tourist birth emerged from the local community as a form of social legitimacy. The existing infrastructure coupled with activities carried out on the site constitute a considerable potential attraction, given the tendency of tourism to take more and more of the natural areas conducive the escape of urban daily.

Key Word: Touristic Invention. Indigenous Reserve. Gamboa do Jaguaribe.

¹ Graduanda em Turismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

² Doutora em Relações Internacionais (IEP/SciencesPo Paris), Professora do Departamento de Turismo da UFRN.

1. YPYRUNGABA³: O PONTO DE PARTIDA

É notório que a atividade turística tem crescido substancialmente, durante o último quarto de século, como um fenômeno econômico e social. A percepção de que a exploração da atividade em determinado destino, turisticamente consolidado ou em potencial, está atrelada a diversos fatores que vão além dos tradicionais impactos positivos e negativos, bem como de uma perspectiva exclusivamente econômica, fomentou a expansão dos estudos sobre a temática, a exemplo das contribuições feitas por teóricos brasileiros como Alexandre Panosso Netto (2015), Luiz Gonzaga Godoi Trigo (2000), Marília Gomes dos Reis Ansarah (2015), Mário Carlos Beni (2007), Susana de Araújo Gastal (2003), dentre outros. No entanto, é possível observar que grande parte desses estudos discorre acerca da dinâmica presente nas relações entre fixos e fluxos de uma localidade na qual o turismo já vem sendo desenvolvido ou das potencialidades que podem ser exploradas pela atividade em locais onde a prática ainda é inexistente ou diminuta, desconsiderando-se a origem turística das destinações.

É preciso conhecer o passado para planejar melhor o futuro. O estudo da Invenção Turística amplia a percepção das transformações sofridas pelos lugares e os consequentes impactos para a população autóctone. É uma análise profunda, que resgata elementos do passado capazes de explicar fenômenos presentes e auxiliar no desenvolvimento de estratégias para o futuro. É conhecer o destino além do que se vê. É descobrir a história da árvore. Saber o tipo de semente, quem cavou o buraco, quando ocorreu o plantio, como estão fincadas as raízes e outras informações importantes, para então planejar a poda.

Analisando-se alguns trabalhos (cf. Quadro 1), é possível perceber que a temática *Invenção do Lugar Turístico* desperta o interesse de pesquisadores de cursos como Geografia, Antropologia e até mesmo Arqueologia. Há escassez de contribuições sob a perspectiva de quem estuda o fenômeno turístico e possivelmente lidará de maneira mais direta com questões referentes à Invenção Turística. Também é possível observar que a região Nordeste se destaca na produção associada ao tema. No entanto, essas pesquisas se concentram nos estados da Paraíba, Piauí e Sergipe, não havendo trabalhos sobre invenção turística no Rio Grande do Norte. Além disso, não percebeu-se pesquisas atuais sobre o assunto. As contribuições mais recentes foram publicadas no período que compreende os anos de 2007 a 2013 (cf. Quadro 1).

³ De origem Tupi, significa princípio.

Quadro 1. Produção Acadêmica Acerca da Temática “Invenção Turística”

Autor (a)	Ano	Título	Palavras-chave	Área	Periódico
<i>Antônio José de Araújo Ferreira</i>	2007	O Turismo e a Produção do Espaço no Estado do Maranhão, Brasil.	Turismo. Produção do Espaço. Maranhão.	Geografia	Revista Electrónica de Geografía Y Ciencias Sociales
<i>Rosa Moura</i>	2007	O Turismo no Projeto de Internacionalização da Imagem de Curitiba.	Turismo Urbanístico. Turismo e Imagem Urbana. Modelo. Curitiba.	Geografia	Turismo – Visão e Ação
<i>Daniela Caruza Gonçalves Ferreira</i>	2012	A Invenção de Barra Grande: construção, transformação e conflitos de um destino turístico no litoral do Piauí.	Turismo. Mudança Social. Conflitos. Barra Grande.	Antropologia e Arqueologia	Universidade Federal do Piauí
<i>Josélio dos Santos Sales</i>	2012	A Invenção de Cabaceiras como Cidade Turística a Partir da Cultura do Bode e das Produções Cinematográficas.	Desenvolvimento Local. Cultura. Turismo. Teoria dos Sítios.	Desenvolvimento Regional	Universidade Estadual da Paraíba
<i>Christian Jean-Marie Boudou</i>	2013	Da “Cidade-Saúde” À “Cidade-Turismo”: a invenção da praia turística de Guarapari (ES). Uma geografia histórica dos usos do litoral.	-	Geografia	Universidade Federal de Sergipe

Fonte: Dados de pesquisa, 2018.

O nascimento turístico de um lugar é o que o geógrafo Rémy Knafou, em seu artigo “*L’Invention du lieu touristique: la passation d’un contrat et le surgissement simultané d’un nouveau territoire*” (1991), cognomina de invenção turística.

Ao promover uma reflexão acerca dos termos “invenção” e “descoberta”, o autor sugere que “invenção” seria a forma mais adequada de nomear o processo, uma vez que o objeto da “descoberta” não é o lugar em si, mas uma nova forma de utilização desse mesmo lugar. O conhecimento dessa gênese é de extrema importância para o planejamento da atividade turística, pois viabiliza a compreensão do contexto no qual o lugar encontra-se inserido.

A partir disto, surge a seguinte indagação: Quais as características e condições do Sítio Gamboa do Jaguaribe como invenção turística? Para tal, faz-se necessário investigar quem foi/foram o(s) inventor(res), bem como caracterizar o processo de invenção. Desta feita, o presente estudo objetiva: analisar as características e condições do Sítio Gamboa do Jaguaribe como uma invenção turística relevante. Como objetivos específicos: (a) identificando os processos de subversão ou ressignificação de espaços e equipamentos; (b) identificando a incorporação de novos territórios (poder de conquista); e (c) descrevendo o potencial turístico do lugar segundo os atrativos e atividades turísticas desenvolvidas, as infraestruturas de visitação construídas e os serviços prestados.

Localizada na Zona de Proteção Ambiental ZP-8, às margens do Jaguaribe, principal afluente do Rio Potengi, o Gamboa do Jaguaribe é um sítio histórico-ecológico destinado à educação ambiental e à disseminação da cultura indígena. A escolha do objeto se deu, principalmente, em virtude da viabilidade logística, ou seja, o fácil acesso no sentido de distanciamento, apesar de grande parte da população autóctone desconhecer a existência de um espaço indígena na cidade do Natal, sobretudo na Região Administrativa Norte.

Para atingir os objetivos do estudo, foi adotada uma metodologia que consiste em pesquisa sob uma perspectiva etnográfica exploratório-descritiva, de abordagem qualitativa, que utilizou os procedimentos de análise documental, entrevista e pesquisa de campo, bem como revisão bibliográfica para a coleta dos dados.

O texto encontra-se dividido em um capítulo introdutório, intitulado *Ypyrungaba*, seguido de três capítulos de referencial teórico, a saber: *Aratur*; *Yguabatur* e *Oca Abá*. Além de um capítulo destinado à análise e discussão dos resultados da pesquisa, subdividido em três subcapítulos. Ademais, no capítulo intitulado *Apyreyma* é possível encontrar o desfecho (ou não) desta viagem pela invenção do Gamboa.

2. ARATUR⁴: O NASCIMENTO TURÍSTICO

Vários são os elementos interventores no processo de invenção dos lugares turísticos. Segundo Knafou (1991) fatores resultantes da revolução dos transportes, do crescimento econômico, bem como de melhorias observadas na segurança coletiva contribuem para o acesso dos inventores aos lugares inexplorados.

Em sua *Sociologia do Turismo*, o sociólogo Jost Krippendorf (2000) afirma que a principal motivação para se viajar é a fuga da rotina. O cotidiano restrito às práticas laborais e aos ritos sociais gera estresse e impulsiona a busca pela “quebra” do modo de vida habitual, ainda que por um curto espaço de tempo. E não há um modo mais autêntico de fugir da rotina do que embarcar numa viagem. Locomover-se por um meio de transporte diferente do que costuma utilizar em sua cidade (viagens mais longas, geralmente utilizam o modal aéreo); morar em uma casa que não é a sua. A popularização de plataformas de aluguel de acomodações como a Airbnb, bem como um aumento na oferta de meios de hospedagem compartilhados (hostels) contribui no alcance desse objetivo; experimentar uma comida que não foi preparada por você, na sua cozinha, utilizando os seus temperos; estar em contato com pessoas desconhecidas, compartilhando saberes. É como se a viagem fosse outra vida. Uma vida paralela. E o viajante tem consciência que os prazeres dessa vida têm o mesmo tempo de duração da viagem. Mas mesmo assim, sente que é necessário interpretar o personagem turista de tempos em tempos.

Viajar é abrir novos horizontes, conhecer outras culturas, lugares e paisagens. A viagem rompe a rotina do cotidiano, revela novos cenários e traz para a nossa vivência expectativas sempre surpreendentes. A viagem é um movimento externo e interno a nós mesmos. Externo porque nos deslocamos no espaço físico e no tempo. Interno porque nosso imaginário segue na frente, instigando pensamentos e emoções, preparando-nos para viver o inusitado em experiências e tornando-nos pioneiros de nós mesmos. (BENI, 2013, p.3)

Com um ritmo de vida cada vez mais acelerado, os viajantes buscam fugir dos tons escuros que invadem os centros urbanos: o chão que se pisa (asfalto), o cinza dos blocos de concreto que formam os edifícios, a fumaça que mancha o ar. Diante disso, a busca por lugares inexplorados, repletos de paisagens que a natureza moldou, é uma tendência em crescente expansão, principalmente em áreas naturais protegidas. Surge então a figura dos inventores do destino turístico, responsáveis pela ressignificação dos lugares.

⁴ Justaposição dos termos *Ara* (do Tupi: nascer) e *Tur* (Turismo).

Os inventores, também chamados de primeiros turistas, têm relação direta com o novo sentido do lugar. Apesar de a grande maioria permanecer no anonimato, alguns se tornaram conhecidos pelos lugares “descobertos”. O processo inverso também ocorre: lugares que se popularizaram após serem visitados por famosos. Segundo Knafo (1991), a figura da pessoa famosa é útil e necessária para o lançamento do lugar turístico. A justificativa para essa afirmação pode ser observada na forma clássica de “descoberta” de destinos no século passado: em retorno ao seu lugar de origem, o primeiro turista escreve um relato das experiências que vivenciou durante a viagem, despertando o interesse de alguma celebridade, que consagra a imagem do local após sua visita. Geralmente o título de inventor é outorgado aos primeiros visitantes, seja pela ausência de celebridades ou pelo reconhecimento dos autóctones a quem lhes apresentou uma nova forma de enxergar o lugar onde vivem.

Knafo promove ainda uma reflexão acerca dos termos “invenção” e “descoberta”. Invenção seria a forma mais adequada de nomear o processo, uma vez que o objeto da “descoberta” não é o lugar em si, mas uma nova forma de utilização desse mesmo lugar.

É por isso que deve-se preferir, em vez da “descoberta” de um lugar que, por definição, já era conhecido – mesmo que somente por seus habitantes; a América já era povoada antes da “descoberta” do Novo Mundo por Cristóvão Colombo – o termo “invenção” de um determinado lugar, pois seus “inventores” souberam, ao mesmo tempo, propor uma outra interpretação, traduzindo o surgimento de um novo sistema socioeconômico carregado de novos valores, tornando-os conhecidos a seus contemporâneos. (KNAFOU, 1991, p.15).

Esse é o assim chamado poder de subversão do turismo (KNAFOU, 1991), acrescido do poder de conquista de novos territórios não incorporados outrora ao lazer dos residentes, como a montanha para os habitantes de Chamonix (KNAFOU, 1991), ou ainda as praias para a maior parte das populações costeiras do Rio Grande do Norte, que apresentam uma parte significativa de suas sedes administrativas localizadas a uma grande distância das zonas de beira-mar.

Após a fase de invenção, o lugar turístico é acrescido de equipamentos e infraestrutura. É nessa fase do processo que é possível observar a ação do poder subversivo do turismo. O lugar passa a existir para e pelo turismo. O que não existia antes passa a existir (estradas, restaurantes, meios de hospedagem e afins), e o que já existe é ressignificado. A invenção modifica não apenas o lugar em si, mas também a sua funcionalidade. A casa que antes servia de abrigo aos familiares, agora serve como hospedagem aos visitantes. Uma

edificação antiga, que agora torna-se patrimônio histórico e produto do consumo estético e pedagógico.

A dinâmica do turismo transforma paisagens, tradições e histórias em mercadorias comerciáveis. O valor da cultura é acrescido do preço disposto a se pagar por ela.

3. YGUABATUR⁵: O LUGAR TURÍSTICO

Para Tuan (1983, p.83) “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar”. Há uma relação direta e constante entre espaço e lugar, sendo o lugar uma apropriação de determinado espaço. “Espaço se torna lugar na medida em que é experienciado e valorizado, que tem significação para pessoa. (TUAN, 1983, p.19). Partindo-se desta premissa, é possível afirmar que todo lugar é um espaço, mas nem todo espaço constitui um lugar.

O processo de invenção é responsável pela criação do chamado lugar turístico, que difere do lugar geográfico, citado anteriormente. Os inventores apropriam-se de uma porção de espaço, dotada de significados para a população que ali reside, ressignificando-a a partir dos poderes de subversão e conquista que a atividade turística exerce nas localidades onde se instala. Podendo o lugar turístico ser definido como a materialização da invenção.

(...) integrar olhares distintos, leituras antagônicas, percepções contraditórias, ideologias incompatíveis (...). Este lugar não é um lugar apenas, mas o palco de conflitos e o cenário de transformações; os vários lugares do mesmo lugar, em resposta aos vários olhares sobre o mesmo lugar (...). O lugar turístico é o palco da pluralidade de identidades e o cenário da trama complexa das relações sociais. (IRVING, 2003, 177-178)

O lugar turístico é identificado nas áreas receptoras. O lugar turístico é, ao mesmo tempo, um lugar geográfico. O lugar é, pois, turístico para quem visita e geográfico, além de também turístico, para quem habita. Portanto, todo lugar turístico é sobretudo geográfico, no entanto nem todo lugar geográfico constitui um lugar turístico. E é nesse último lugar que o fenômeno turístico se materializa, por meios dos fixos: atrativos e equipamentos (meios de hospedagem, de restauração, de entretenimento, dentre outros), e se personifica na figura dos turistas e prestadores de serviços: agentes de viagem, guias de turismo, recepcionistas dos meios de hospedagem, garçons, etc., gerando os fluxos.

(...) novas formas contemporâneas de espacialização social, por meio das quais estamos construindo novas formas de sociabilidade, mais híbridas e mais flexíveis. (...) estabelece-se uma relação entre antigas paisagens e velhos usos e novas formas e funções, impulsionando a relação do lugar com o mundo, que o atravessa com novos costumes, hábitos, maneiras de falar, mercadorias, modo de agir (...) Assim também, a identidade do lugar é constantemente recriada, produzindo um espaço

⁵ Justaposição dos termos *Yguaba* (do Tupi: lugar) e Tur (Turismo).

social híbrido, onde o velho e o novo fundem-se dando lugar a uma nova organização sócio-espacial. (LUCHIARI, 1998, p.17).

Para Knafou, o lugar geográfico torna-se turístico também para o habitante, por meio da “assinatura” de um contrato tácito entre os visitantes e os residentes, pelo qual os visitantes “se conformam” com uma série de inconvenientes (como o aumento populacional, a museificação e as conseqüentes mudanças na identidade local, a sazonalidade...) para poder explorar o turismo no segundo momento, quando o lugar já está inventado e o poder público tenta organizar a atividade e ordenar o espaço (KNAFOU, 1991).

4. OCA ABÁ⁶: TERRA INDÍGENA?

Segundo a FUNAI – Fundação Nacional do Índio (2018), Terra Indígena (TI) é uma porção do território nacional, de propriedade da União, habitada por um ou mais povos indígenas, por ele(s) utilizada para suas atividades produtivas, imprescindível à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e necessária à sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições. Trata-se de um tipo específico de posse, de natureza originária e coletiva, que não se confunde com o conceito civilista de propriedade privada.

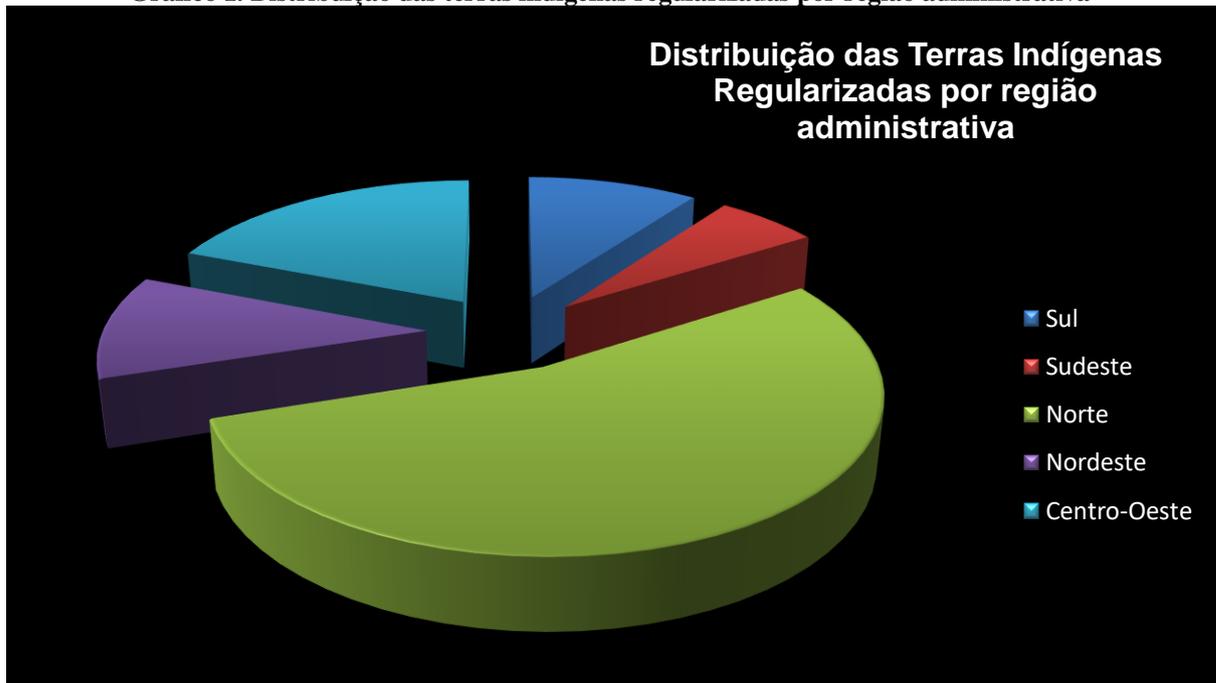
Ademais, por se tratar de um bem da União, a terra indígena é inalienável e indisponível, e os direitos sobre ela são imprescritíveis. A filosofia é: propriedade de todos e de ninguém, ao mesmo tempo. Não é possível vender um território indígena, ao menos não de maneira legal. O direito dos povos indígenas às suas terras de ocupação tradicional configura-se como um direito originário e, conseqüentemente, o procedimento administrativo de demarcação de terras indígenas se reveste de natureza meramente declaratória. Portanto, a terra indígena não é criada por ato constitutivo, e sim reconhecida a partir de requisitos técnicos e legais, nos termos da Constituição Federal de 1988 (FUNAI, 2018).

As terras indígenas são o suporte do modo de vida diferenciado e insubstituível dos cerca de 300 povos indígenas que habitam, hoje, o Brasil (FUNAI, 2018). O não reconhecimento dos direitos, sobretudo em relação às terras, contribui para a invisibilidade não apenas dos indígenas, mas também de sua cultura. De acordo com o censo demográfico realizado no ano de 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, foram

⁶ Do Tupi, *Oca* (casa) e *Abá* (**índio**, homem ou pessoa).

registradas 274 (duzentas e setenta e quatro) línguas indígenas em todo o país e 17,5% da população indígena não fala a língua portuguesa. Atualmente existem 462 terras indígenas regularizadas, que representam cerca de 12,2% do território nacional, localizadas em todos os biomas, com concentração na Amazônia Legal (cf. Gráfico 1).

Gráfico 1. Distribuição das terras indígenas regularizadas por região administrativa



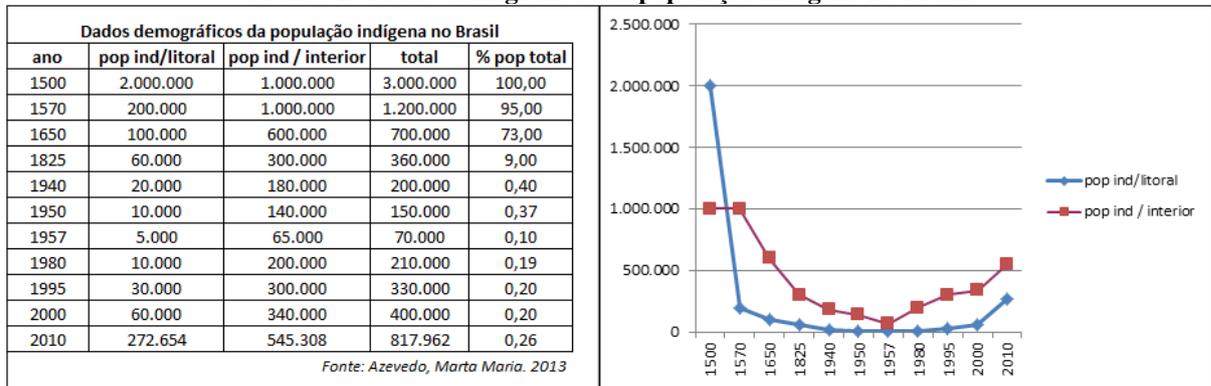
Fonte: FUNAI, 2018.

A FUNAI (2018) afirma ainda que desde 1500 até a década de 1970 a população indígena brasileira decresceu acentuadamente e muitos povos foram extintos. O desaparecimento dos povos indígenas passou a ser visto como uma contingência histórica, algo a ser lamentado, porém inevitável. Inclusive, no Rio Grande do Norte, a questão indígena foi negligenciada durante muito tempo. De acordo com o pesquisador Luís da Câmara Cascudo, as populações indígenas haviam sido dizimadas do estado. (CASCUDO [1955];1995)

No entanto, este quadro começou a dar sinais de mudança nas últimas décadas do século passado. A partir de 1991, o IBGE incluiu os indígenas no censo demográfico nacional. O contingente de brasileiros que se considerava indígena cresceu 150% na década de 90. O ritmo de crescimento foi quase seis vezes maior que o da população em geral. O percentual de indígenas em relação à população total brasileira saltou de 0,2% em 1991 para 0,4% em 2000, totalizando 734 mil pessoas. Houve um aumento anual de 10,8% da

população, a maior taxa de crescimento dentre todas as categorias, quando a média total de crescimento foi de 1,6% (FUNAI, 2018), conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 2. Dados demográficos da população indígena no Brasil



Fonte: FUNAI, 2018.

Pesquisas mais recentes (GUERRA, 2007) apontam a (r)existência de populações indígenas em terras potiguaras. No livro “*A Identidade Indígena no Rio Grande do Norte: caminhos e descaminhos dos Mendonça do Amarelão*” (2007), a antropóloga e indigenista Jussara Galhardo Aguires Guerra, que coordena o Grupo Paraupaba de Estudos da Questão Indígena no Rio Grande do Norte, apresenta as seis comunidades indígenas presentes no estado, enfatizando a dos Mendonça do Amarelão. De acordo com os dados coletados pela pesquisadora, a comunidade dos Mendonça apresenta o maior contingente populacional. (cf. Imagem 1).

Imagem 1. Indígenas no Rio Grande do Norte



Fonte: Exposição Indígena do Museu Câmara Cascudo, 2018.

A pesquisa, que foi anteriormente utilizada na dissertação de mestrado da antropóloga, deu origem ainda a uma exposição disponível no museu que leva o nome do historiador e antropólogo Câmara Cascudo, ironicamente o mesmo que outrora negou a existência de povos indígenas no estado do Rio Grande do Norte.

5. MÉTODOS DE PESQUISA

Pesquisa é construção. E toda construção necessita de um bom alicerce. O alicerce da pesquisa é a sua fundamentação teórica. Mas, antes do alicerce, é preciso cavar o buraco. Alicerçar é preencher o buraco, dando sustento à edificação. O buraco da pesquisa é o problema. A elaboração da pergunta-problema corresponde ao ato de cavar o buraco. Quanto mais se questiona, mais se cava.

Após cavar o buraco e preencher com alicerce, a construção está pronta para receber os tijolos. Os tijolos da pesquisa são as discussões dos resultados encontrados. A organização das ideias do pesquisador corresponde ao ato de encarrear os tijolos. A relação do componente teórico com o pensamento do autor é como o cimento, que une os tijolos e confere sustentação. Por fim, tem-se a fase de acabamentos, a conclusão da obra.

Com base nesta analogia, a metodologia atua como o projeto arquitetônico da obra. A descrição dos detalhes, desde o tipo de material utilizado até o porquê de sua utilização. É o passo a passo, que tem por finalidade assegurar que os objetivos da concepção inicial sejam alcançados.

Com relação à metodologia, esta pesquisa pode ser definida como de natureza exploratório-descritiva. Os conceitos que permeiam o processo de *Invenção Turística* foram aplicados à realidade da *Gamboa do Jaguaribe*.

Os objetivos conduzem este trabalho a uma característica exploratória, ou seja, “[...] tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar [...], isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto”. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.51-52). E, descritiva, o que Gil (2002, p.42) afirma: “tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Quanto aos procedimentos técnicos, ou seja, a forma de obtenção dos dados, fez-se uso das pesquisas: bibliográfica, documental e de campo. A pesquisa bibliográfica se fez

presente desde a escolha do tema e durante todo o desenvolvimento do texto, foram utilizados: livros; publicações em periódicos, como artigos; dissertações e teses; além de demais materiais acerca da temática, disponíveis na internet. Também foi utilizada a pesquisa documental, que “constitui uma técnica valiosa na abordagem de dados qualitativos, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema” (LUDKE E ANDRÉ, 1986, p38). Para a pesquisa documental, foram consultados alguns documentos, a saber: o *Projeto de Zoneamento Ambiental de Natal*, que delimita e apresenta informações acerca das ZPAs; a *Proposta de Regulamentação da Zona de Proteção Ambiental 8*, disponibilizada pela prefeitura, por meio da SEMURB – Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo e a *Instrução Normativa N° 03/2015* da FUNAI, que estabelece normas e diretrizes relativas às atividades de visitação para fins turísticos em terras indígenas. Por fim, os dados primários foram coletados por meio de uma pesquisa de campo, que se desenvolve “por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo” (GIL, 2002, p.53).

A pesquisa de campo foi realizada no sítio histórico-ecológico Gamboa do Jaguaribe, localizado no município de Natal/ RN, no dia 21 de maio do presente ano, com o propósito de conhecer a realidade local, bem como coletar informações acerca de aspectos históricos. Utilizou-se o método da observação direta, durante uma visita guiada às instalações do Gamboa e também a aplicação de uma entrevista. A entrevista seguiu um roteiro semiestruturado de perguntas abertas, sobre os aspectos sociais, econômicos, culturais e ambientais da localidade, direcionadas aos membros da ONG, totalizando 4 respondentes e constituindo em uma amostragem não probabilística e não intencional ou de conveniência.

Os resultados do estudo foram analisados sob uma perspectiva etnográfica. A etnografia corresponde a um tipo de análise contextualizada, que prioriza a percepção do pesquisador, por meio do diálogo com o pesquisado.

Entendo a etnografia antes de tudo como maneira específica de conhecer a vida social. Sua peculiaridade: sua fundamentação existencial numa impregnação profunda, no pesquisador (em seu corpo e sua alma, em sua inteligência e sensibilidade), da imprescindibilidade da busca por aquilo que Eduardo Viveiros de Castro denominou ‘diálogo para valer’ com o Outro sendo o conhecimento forjado justamente a partir dos resultados desse diálogo. (FREHSE, 2011, p. 35)

Geertz (1989, p.20) afirma que: “fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de ‘construir uma leitura de’) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos”.

O método etnográfico combina várias técnicas de pesquisa. Para a composição deste artigo, foram selecionadas as técnicas de observação participativa e entrevistas em profundidade. As entrevistas foram contextualizadas com as observações da pesquisadora, bem como por meio dos dados obtidos em fontes secundárias. Foram entrevistados quatro integrantes do projeto, a saber: Guará⁷ (Lobo), que nos acolheu e foi responsável pela apresentação geral da localidade; Abà⁸ forneceu informações acerca dos primórdios do Gamboa; Acanguassu⁹ mediu a trilha e contribui com informações acerca da cultura indígena e questões correlatas; e Apyessá¹⁰ apresentou especificamente o projeto que coordena, o Cineoca.

Um dos objetivos da utilização da perspectiva etnográfica foi estabelecer uma comparação em relação à visão que se tinha antes e a que se formulou após a visita ao sítio.

6. ENCARREIRANDO OS TIJOLOS...

O resgate etimológico da palavra de origem indígena “Jaguaribe” aponta uma aglutinação dos termos Jaguará (onça), i (rio) e be (para), portanto, Rio para as Onças ou simplesmente Rio das Onças, animal extinto na região. Já Gamboa refere-se a uma formação do chamado “braço de mar”.

Localizado na Região Administrativa Norte da capital potiguar, mais precisamente no bairro Salinas, às margens do Jaguaribe, principal afluente do Rio Potengi, que corta a capital potiguar, o sítio é uma propriedade privada, pertencente à oitava Zona de Proteção Ambiental (ZP-08), que está em processo para se tornar a primeira Reserva Particular do Patrimônio Natural – RPPN da cidade do Natal.

As RPPNs constituem uma das categorias de Unidades de Conservação do grupo de uso sustentável, instituídas pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC. As Reservas Naturais são áreas protegidas, administradas por particulares interessados na conservação ambiental, cujos objetivos dizem respeito à promoção da conservação da diversidade biológica, à proteção de recursos hídricos, ao manejo de recursos naturais, desenvolvimento de pesquisas científicas, atividades de ecoturismo, educação, manutenção do

^{7, 8, 9, 10} Pseudônimos utilizados para manter o anonimato dos entrevistados.

equilíbrio climático e ecológico, bem como a preservação de belezas cênicas e ambientes históricos.

Atualmente, as despesas provenientes da manutenção do Gamboa são custeadas com recursos próprios dos membros do coletivo, cerca de 20 pessoas entre estudantes, pesquisadores e ambientalistas, e também pelos valores arrecadados durante as visitas semanais de grupos de escolas e turistas, que incluem o acesso à estrutura e às atividades oferecidas, bem como a venda de artesanatos e livros sobre a temática indígena.

6.1 ABABETUR¹¹: O NASCIMENTO TURÍSTICO DO GAMBOA

O Gamboa do Jaguaribe é um sítio histórico-ecológico criado para ser uma ferramenta pedagógica de educação ambiental, estudo e difusão das culturas indígenas. O projeto teve início há cerca de quinze anos, quando o coordenador da Organização Não Governamental (ONG) de mesmo nome, Abà, frustrado com a ausência de políticas públicas de combate à prática da carcinicultura e à especulação imobiliária que ameaçavam comprometer o futuro da área de manguezal e da mata ciliar que compõem a localidade, resolveu comprar os cinco hectares que compreendem parte da Gamboa e utilizá-los para fins de preservação ambiental, por meio do replantio e da conservação de espécies raras da fauna e da flora locais, e pesquisa, disponibilizando o espaço para as reuniões do Instituto Guaiá de Estudos Sócio-ambientais, que existe desde 2004, e do Grupo de Estudos Indígenas Ocarusupitã (Dados de pesquisa, 2018).

Porém, somente quase treze anos após a aquisição das terras, mais precisamente em 2016, o idealizador do projeto decidiu tornar o lugar aberto para visitação. De acordo com Abà, já havia a ideia de realizar passeios ecológicos, na mata, com crianças, mas a descoberta de que a região havia sido morada do índio Poti, rebatizado pelos portugueses de Felipe (Camarão), considerado herói nacional, o fez enxergar uma possibilidade de unir aspectos histórico-culturais à questão ambiental e assim atingir outros públicos.

Deu-se início então ao planejamento de uma infraestrutura básica para atender os futuros visitantes. Inicialmente, um trabalho minucioso de pesquisa para identificar a melhor forma de utilização dos recursos naturais disponíveis. Em parceria com alguns pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, os integrantes da equipe Gamboa foram até o Estado da Paraíba a fim de conhecer o modelo de produção de ocas dos índios potiguara da Baía da Traição.

¹¹ Justaposição dos termos em Tupi *Abá* (nascer), *be* (para) e Tur (Turismo).

O conhecimento adquirido com os indígenas paraibanos, aliado aos estudos em permacultura¹², possibilitou a construção biodegradável das ocas (cf. Imagem 2), cobertas com Capim Manibu, popularmente conhecido como Capim Navalha, abundante na região.

Imagem 2. Oca central do sítio



Fonte: Divulgação internet.

A sustentabilidade ambiental é um dos alicerces do Gamboa, os banheiros utilizam métodos naturais de descarte e há a filosofia do não uso de cestas de lixo. Os visitantes são instruídos a levarem consigo todo o lixo produzido durante a visita. Diversas atividades são desenvolvidas na reserva, dentre as quais podem-se destacar as trilhas e as oficinas de construção de ocas e canoas, bem como a confecção de artefatos indígenas, como petecas e maracás¹³. Também é praticado o estudo do idioma tupi e suas variações, como o tupi-

¹² Expressão criada por Bill Mollison e David Holmgren na década de 70. Originada do inglês “**Permanent Agriculture**”, ao longo dos anos passou a ser compreendida como “**Cultura Permanente**” ou simplesmente “**Cultura da Permanência**”, por abranger uma amplitude de conhecimentos oriundos de diversas áreas além da agricultura. É um sistema, aplicável a situações urbanas ou rurais, para a criação de comunidades humanas sustentáveis que integra design e ecologia, que toma os sistemas naturais como modelo e trabalha com a natureza para projetar ambientes sustentáveis que possam prover as necessidades humanas básicas, bem como as infraestruturas que as apoiam.

¹³ Classificado como um instrumento musical idiofônico, executado por agitação. De origem indígena, o objeto era utilizado em cerimônias religiosas e em batalhas. É composto por uma cabaça seca, sem miolo, em cujo interior são depositadas pedras, sementes ou coquinhos e um cabo, geralmente de madeira. O maracá também está presente em diversas manifestações culturais, como o carimbó e em cerimônias de religiões afro-brasileiras, que receberam influências indígenas, como o candomblé de caboclo. No catimbó, culto de origem indígena amplamente influenciado por tradições europeias, o maracá é tido como sagrado.

guarani. Além do projeto Cine Oca, que ocorre mensalmente e cuja proposta é literalmente trazer o cinema para dentro da oca.

Diferentemente do que propõe Knafou (1991), o processo de invenção do Gamboa não seguiu a teoria de que uma personalidade famosa chamou atenção para o lugar. Mesmo considerando-se o discurso dos entrevistados, que afirmam a presença da Gamboa nos relatos de Câmara Cascudo e Olavo de Medeiros Filho. Estas personalidades não podem ser consideradas como inventores. Apenas serviram de inspiração para o, de fato, inventor: Abà, que foi responsável por enxergar o Gamboa através de uma nova lente, a lente do lugar turístico.

Mas Abà não ressignificou o lugar sozinho. Todos os integrantes da equipe são um pouco inventores. Apesar de não residirem especificamente nos limites do sítio, todos os entrevistados afirmaram e demonstraram uma forte ligação afetiva com o lugar. Podemos considerar então que a invenção do lugar turístico Gamboa do Jaguaribe emergiu da comunidade local como forma de: legitimidade social da cultura indígena potiguar, desconhecida e/ou negligenciada por grande parte da população e reivindicação da proteção ambiental da área, anteriormente devastada pela carcinicultura e quase literalmente derrubada pela especulação imobiliária.

É o que afirma Cousin (2009): “nesse contexto, o turismo - mesmo sem turistas - constitui um elemento de integração social”.

6.1.1 A canoa submersa...

O processo de invenção é semelhante a uma canoa que flutua sobre o mar. A canoa é o lugar, o lugar geográfico. O mar é o turismo. A canoa segue seu rumo, até que alguém faz um furo em sua superfície. Esse alguém é o inventor e a atitude de furar a canoa permite que o turismo entre gradativamente, até invadir por completo o lugar. E assim, a canoa submersa não existe mais sem o mar que a dominou. Esta descrição analógica faz referência ao poder de subversão da atividade turística, mencionado nos primeiros capítulos desta obra.

A Canoa do Jaguaribe foi furada por Abà desde a construção da primeira Oca. O objetivo era oferecer abrigo a quem a hospedagem exótica interessasse. Os banheiros ecológicos são outro exemplo. Poderiam compor infraestrutura básica, mas como não há moradores no sítio, percebe-se que a construção se deu em função dos visitantes. Além disso, a “bodega” de souvenirs, onde os visitantes podem adquirir camisetas, brincos e pulseiras, além de artefatos indígenas como petecas, maracás, cuias, arco e flechas e filtros dos sonhos.

As atividades culturais gratuitas, como o Cine Oca, são importantes para trazer visibilidade à questão indígena e, mesmo não sendo desenvolvidas com este intuito, são capazes de atrair visitantes.

A subversão está entranhada até no discurso. Em um trecho da entrevista, Guará afirma que a *Embiú* (Tupi: comida) *Oca* (Tupi: casa) equivale a um restaurante.

6.1.2 O poder do abraço

Juntamente com a subversão, a invenção exerce, simultaneamente ou não, o segundo poder do turismo, que Knafou (1991) chama de incorporação. O poder de incorporação atua como um abraço, trazendo para perto territórios antes desprezados pela população local.

No Gamboa é possível observar alguns exemplos de territórios abraçados: a mata, que agora ressignificada é explorada pelos visitantes durante as trilhas e o mangue que abriga diversas espécies de peixes e passou a ser visto também como um atrativo natural (cf. Imagens 3 e 4).

A trilha, aberta pelos próprios membros da ONG, apresenta uma infraestrutura básica. Sinalização indicando os nomes das árvores no idioma indígena e algumas cordas que servem como corrimãos improvisados em trechos mais íngremes. Foi possível observar a inexistência de um estudo acerca da capacidade de carga não apenas da trilha, mas do sítio como um todo. O discurso durante a realização dessa atividade foi bastante interpretativo, foram pontuadas questões relevantes sobre meio ambiente e preservação. A questão política fez-se presente, entremeada com o discurso ambiental, relatos da mobilização contra a construção da estação de tratamento da CAERN comprovaram isso. Analisando-se o documento da Complementação do Relatório da ZPA 8: *Análise das contribuições recebidas após Audiência Pública realizada em 27 de outubro de 2016 (período de 27 de outubro à 17 de novembro de 2016) e seus reflexos no Anteprojeto de Lei*, foi possível observar a participação ativa dos integrantes do Gamboa nas frentes de resistência à CAERN. Ainda acerca do aspecto político, foi possível identificar uma visão bastante partidária, em relação ao Partido dos Trabalhadores.

Acerca dos aspectos que surgem no processo de pós-incorporação, quando o turismo já assume uma posição de destaque e requer um nível maior de qualidade na prestação dos serviços, foi constatada uma informalidade fruto do amadorismo (não há profissionais de turismo envolvidos no projeto). Durante a mediação pela mata, um dos guias, Guará, se

queixou que estava cansado. Não se sabe se este discurso com menos formalidade se deve ao fato dos anfitriões saberem que aquele grupo era composto por estudantes de turismo, o que geraria certa consultoria não-intencional. O cansaço de Guará pode ser interpretado como uma prova dos inconvenientes gerados por um turismo que cresce, mas não se desenvolve. A ausência da figura de um profissional da atividade turística, por vezes subestimado, foi sentida em vários momentos.

Outro embargo percebido foi a ausência da intervenção do poder público, proposital haja vista que o Gamboa é um espaço de resistência (ambiental, política, cultural...). Este distanciamento vai ao encontro das afirmações que os entrevistados fizeram acerca da estratégia de dominação, na qual governo enfatiza a ascendência africana com o intuito de fazer a população esquecer-se da sua outra herança cultural: a indígena, reprimida com o intuito de que sua invisibilidade contribua para a conquista de seus territórios.

Imagem 3. Área de mangue



Fonte: autora.

Imagem 4. Trilha sinalizada em Tupi



Fonte: autora.

6.1.3 O potencial turístico do Gamboa

Complementando toda a infraestrutura já citada anteriormente, no sítio são realizadas diversas atividades com potencial atrativo. Este subcapítulo destina-se a apresentá-las.

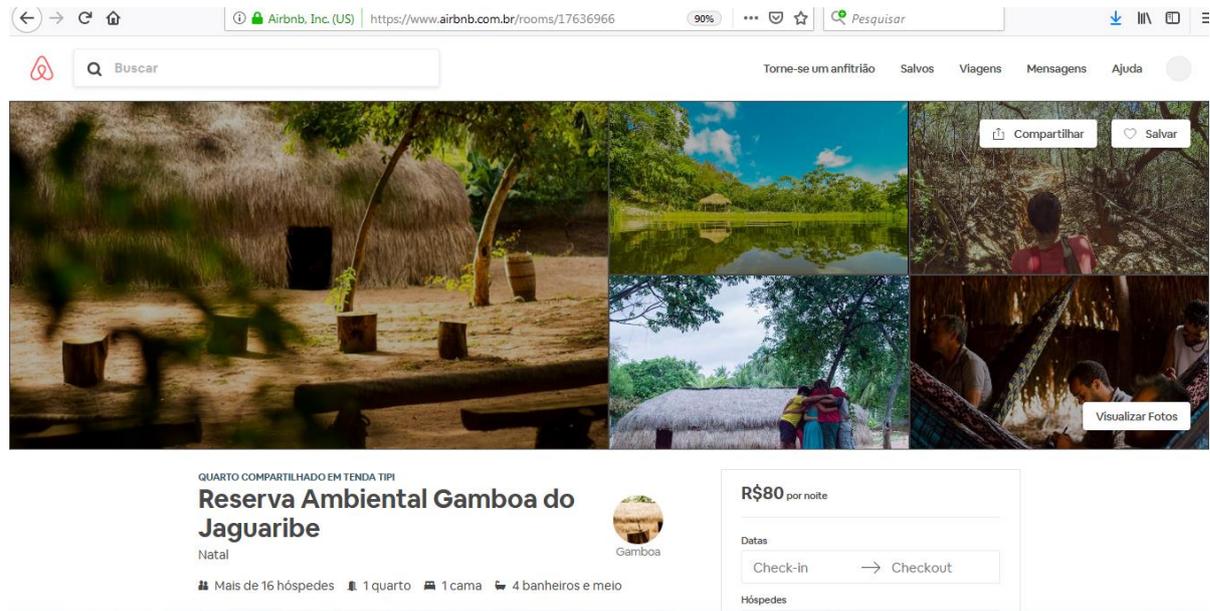
Além das trilhas que compõem o pacote da visitação, uma vez por mês, aos sábados, é realizado o Cine Oca. O acesso é gratuito. Após a exibição de filmes, geralmente curtas-metragens e documentários, que retratam a cultura indígena e questões correlatas ao meio ambiente, problemáticas sociais e afins, acontecem rodas de conversa e apresentações culturais como danças tradicionais e exposições fotográficas. O projeto prioriza filmes produzidos no estado, contribuindo para a valorização do audiovisual local.

Uma vez por semana, também aos sábados, ocorrem os encontros do Grupo de Estudos Indígenas Ocarusupitã. Vários pesquisadores se reúnem a fim de compartilhar conhecimentos acerca do idioma Tupi e seus derivados. O material de estudo é produzido pelos próprios integrantes e também comercializado na “bodega” que atende aos turistas. Além disso, algumas atividades acontecem com uma frequência um pouco menor, como os replantios e os mutirões de limpeza do rio.

As atividades mencionadas anteriormente constituem um potencial atrativo considerável, tendo em vista a tendência do turismo se utilizar cada vez mais de áreas naturais que propiciam a fuga do cotidiano urbano. Sob esta perspectiva, até mesmo o fato da dificuldade de acesso ao Gamboa constitui um aspecto positivo. Os viajantes buscam exatamente este sentimento de estar em um lugar inexplorado. Uma realidade paralela.

Durante a entrevista foi possível constatar o interesse turístico de Abà, que afirmou estar planejando a construção de uma Oca maior, para poder hospedar mais pessoas. O meio de hospedagem não-convencional é divulgado na plataforma Airbnb. Comparando-se os períodos de baixa e alta estação, o preço da acomodação quase dobrou, chegando aos atuais R\$ 80,00 (oitenta reais) por noite (cf. Imagem 5). O pacote inclui, além da rede armada no interior da grande oca, café da manhã, cozinha e banheiros compartilhados. Estacionamento, máquina de lavar roupas, espaço para uso de notebooks e internet Wi-Fi são outras comodidades oferecidas.

Imagem 5. Divulgação Airbnb



Fonte: Airbnb, 2018.

Além de todos os equipamentos e atividades, o discurso de venda é muito baseado na experiência (cf. Imagem 6). A dormida indígena, o alimento servido nas quengas de coco, a água na moringa, o contato com a natureza desde o ar puro até a contemplação de plantas e animais. Aprender a usar um arco e flecha, jogar peteca, o contato com a língua Tupi. Tomar banho no rio, ouvir o canto dos pássaros. De acordo com Abà essas são sensações que não têm preço.

Imagem 6. Contato com a natureza



Fonte: autora.

7. APYREYMA¹⁴: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o levantamento das informações apresentadas anteriormente, foi possível observar a influência dos poderes de subversão (a cenarização e a confecção de artefatos para comercializar) e de conquista (o uso de áreas antes esquecidas, o mangue e a mata, mais precisamente). Constatou-se ainda que o equipamento possui um potencial de atratividade turística que precisa ser estruturado. Portanto, é possível afirmar que o Gamboa do Jaguaribe sofre um processo de ressignificação, a partir do momento em que Abà decide cenarizar o sítio para atrair visitantes.

Considera-se que estas reflexões não se encerram neste capítulo, daí a escolha do título, que em Tupi significa “sem fim”.

A atividade turística é mais imaginária do que real. Quando se visita uma comunidade indígena, não há o consumo dos lugares em si, mas uma atração pelas simbologias criadas pelo imaginário que permeia a cultura do “outro”. Mesmo na materialização do consumo: a compra de um maracá como souvenir, a motivação advém do sentido simbólico.

É perceptível que o imaginário que perpassa a cultura indígena exerce um potencial de atratividade considerável no Gamboa do Jaguaribe. O sítio possui uma boa infraestrutura, salvo a sinalização do acesso quase inexistente. A divulgação das atividades desenvolvidas também é uma questão que pode ser trabalhada para atrair um número maior de visitantes.

A encenação de uma vida cotidiana indígena não deslegitima a importância do equipamento na preservação ambiental da região da ZP-08, cujo crescimento se deu em grande parte por ocupações informais e desordenadas, que acarretaram vários problemas, afetando a qualidade do habitat das espécies de fauna e flora que dependem do ecossistema local. Por fim, as inquietações propostas por este estudo instigam novas pesquisas acerca deste atrativo ainda desconhecido por grande parte da população de Natal. A invenção do Gamboa é mesmo uma viagem *apyreyma*.

REFERÊNCIAS

ANSARAH, Marília Gomes dos Reis; NETTO, Alexandre Panosso. **Produtos turísticos e novos segmentos de mercado**: planejamento, criação e comercialização. Barueri: Manole, 2015.

BENI, Mário Carlos. **Colecionando destinos**: viagens – percepção, imaginário e experiências. São Paulo: Senac, 2007.

¹⁴ Do Tupi, sem fim; infinito.

_____. **A viagem, caminho e experiência.** Trigo, Luiz Gonzaga Godoi. (2013). A viagem – caminho da experiência. São Paulo: Rosa dos Ventos 2013, 5 out./dez. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=473547095011>>. Acesso em: 15 nov 2018.

BOUDOU, C. **Da “cidade-saúde” à “cidade-turismo”:** a invenção da praia turística de Guarapari (ES). Uma geografia histórica dos usos do litoral. São Cristóvão, 2013.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte.** Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional; MEC, [1955]; 1995.

COUSIN, Saskia; RÉAU, Bertrand. **Sociologie du tourisme.** Paris: La Découverte, 2009.

FERREIRA, A. O Turismo e a Produção do espaço no estado do Maranhão, Brasil. **Revista Electrónica de Geografía Y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 11, n. 245, p. 58, ago. 2007.

FERREIRA D. C. G. **A invenção de Barra Grande:** construção, transformação e conflitos de um destino turístico no litoral do Piauí. 2012. 170f. Dissertação (Mestrado em Antropologia e Arqueologia) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

FREHSE, Fraya. **Ô da rua:** o transeunte e o advento da modernidade em São Paulo. São Paulo: Edusp, 2011.

GASTAL, Susana. **Turismo na pós-modernidade:** (des)inquietações. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

GEERTZ, Clifford. **El antropólogo como autor.** Barcelona: Paidós Studio, 1989.

GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GUERRA, Jussara Galhardo Aguires. **Identidade indígena no rio grande do norte:** caminhos e descaminhos dos Mendonça do Amarelão. Fortaleza: IMEPH, 2011.

IRVING, M. A. **Turismo com instrumento para desenvolvimento local:** entre a potencialidade e a utopia. In: D’AVILA, M. I.; PEDRO, R. (Orgs.). Tecendo o Desenvolvimento: saberes, ética e ecologia social. Rio de Janeiro, 2003, p.167-184.

KNAFOU, Rémy. **L’Invention du lieu touristique:** la passation d’un contrat et le surgissement simultané d’un nouveau territoire, *Revue de Géographie Alpine*, 79(4), p. 11–19, 1991.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo:** uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

LUCHIARI, M.T.D.P. **Urbanização turística:** um novo nexos entre o lugar e o mundo. LIMA, L.C. (org.) Da cidade ao campo: a diversidade do saber fazer turístico. Fortaleza: UECE, 1998, pp.15-29.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MOURA, Rosa. O turismo no projeto de internacionalização da imagem de Curitiba. **Turismo – Visão e Ação**, Curitiba, v. 9, n. 3, p. 341-357, set./dez. 2007.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SALES, J. S. **A invenção de Cabaceiras como cidade turística a partir da cultura do bode e das produções cinematográficas**. 2012. 129f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012.

TRIGO, L. G. G. **Viagem na memória: guia histórico das viagens e do turismo no Brasil**. São Paulo: Senac, 2000.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.